

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KAROLINE DA SILVA XAVIER

**A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

GOIÂNIA
2020

KAROLINE DA SILVA XAVIER

**A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado a Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof. Ma. Maria Zita Ferreira.

GOIÂNIA
2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1021 | Fax: (62) 3946.1397
www.pucgoias.edu.br | prograd@pucgoias.edu.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ATA DA APRESENTAÇÃO DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 9 dias do mês de dezembro de 2020 reuniram-se de forma síncrona e remota, na sala de apresentação virtual 1, às 17:00 horas, a Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Orientador(a): MARIA ZITA FERREIRA

Parecerista: RAFAEL FELIPE DE MORAES

para a apreciação do Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física –
Bacharelado, do Acadêmico(a):

KAROLINE DA SILVA XAVIER

Com o título:

A Inclusão de Alunos Autistas nas Aulas de Educação Física

Que após ser apresentado recebeu o conceito:

() A

() B

(X) C

() D

Coordenação do Curso de Educação Física.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Eleusa Camargo da Silva e Ademir Xavier, por me apoiarem desde o principio deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente Deus por me permitir chegar ate este momento, e agradeço imensamente minha orientadora Ma. Maria Zita Ferreira, por colaborar com este trabalho.

EPÍGRAFE

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas sim criar possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

RESUMO

A tônica deste trabalho está voltada para refletir sobre os efeitos da inclusão alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física escolar. Como o tema é muito amplo e dentro do mesmo, podem ser abrangidos vários segmentos de pesquisas. Portanto, foi concentrado a atenção aos sujeitos com autismo, que nos últimos anos têm sido cada vez mais inseridos em turmas comuns. Esse crescimento pode estar atrelado a lei Berenice Piana de n.12.764-2012- nome dado em homenagem a uma mãe que tem um filho autista e luta pelos seus direitos. O objetivo é refletir sobre as dificuldades neste processo nas aulas de Educação Física. Para cumprir tais objetivos, foi realizado uma pesquisa bibliográfica tendo como referências autores de renome na área alvo. A partir da pesquisa, verificamos entre outros aspectos, que a inclusão de alunos com autismo nas aulas de Educação Física pode ser cada vez mais aprimorada e efetivada, através de uma boa formação dos professores, e outros fatores para que a inclusão seja de qualidade , pautada nas necessidades educacionais de cada aluno.

Palavras chave: Inclusão escolar. Autismo. Educação Física.

ABSTRACT

The main focus of this work is to reflect on the effects of including students with special educational needs in school Physical Education classes. As the topic is very broad and within it, several research segments can be covered. Therefore, attention was paid to subjects with autism, who in recent years have been increasingly inserted into ordinary classes. This growth may be linked to the law Berenice Piana of 12.764-2012 - name given in honor of a mother who has an autistic child and fights for her rights. The objective is to reflect on the difficulties in this process in Physical Education classes. In order to fulfill these objectives, a bibliographic search was carried out with reference to renowned authors in the target area. From the research, we verified, among other aspects, that the inclusion of students with autism in Physical Education classes can be increasingly improved and made effective, through a good training of teachers, and other factors so that inclusion is of quality, based on educational needs of each student.

Keywords: School inclusion. Autism. Physical education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIALTEÓRICO	10
2.1 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR	10
2.2 AUTISMO	12
2.3 INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR.....	13
2.4 INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL	14
2.5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS ADOTADAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	15
2.6 A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES LÚDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS AUTISTAS	16
2.7 PRINCIPAIS DIFICULDADES E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS...	17
3 METODOLOGIA	19
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	19
3.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS	19
3.3 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO TEMÁTICA	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	23
ANEXO A – Termo de Autorização de Produção Acadêmica	26

1 INTRODUÇÃO

O papel da inclusão escolar é acolher todas as pessoas no sistema regular de ensino, independente de condições físicas, classe social e cor, mas o termo inclusão escolar é mais associado as pessoas que possuem alguma deficiência física ou mental.

De acordo com a República Federativa do Brasil (DEED), o número de matrículas da educação especial teve um aumento de 33,2% entre os anos de 2014 a 2018. Este aumento pode indicar que as escolas deram um passo a inclusão, mas para que isso aconteça efetivamente é necessário que os professores compreendam essa realidade crescente também nas aulas de Educação Física e especificamente com alunos autistas (BRASIL, 2020).

Acreditando que ainda existem algumas dificuldades para a inclusão de alunos autistas no ambiente escolar, surge a problemática deste trabalho: “Quais são as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física no ensino fundamental”.

Com o objetivo de investigar quais são essas dificuldades enfrentadas neste processo, e as dificuldades dos professores de Educação Física na inclusão de alunos autistas em suas aulas, este trabalho se torna relevante pelo índice elevado de alunos com autismo na rede regular de ensino por motivos pessoais, e como referência na qualificação de futuros professores de Educação Física na preparação de atividades pedagógicas e metodologias específicas em direção a preparação de inclusão de crianças autistas nas aulas com a finalidade de socialização com as demais crianças envolvidas nas atividades proposta.

Deste modo a escola e professores deverão adotar medidas necessárias para que haja o processo de inclusão, buscando sempre alternativas e metodologias adequadas, especificamente para o aluno autista, por exemplo: uma alternativa viável, é criar uma cultura de relacionamentos, onde cada pessoa tem seu jeito próprio de pensar e agir e conseqüentemente uma metodologia adequada no processo ensino aprendido é promover a socialização dos alunos pelas as atividades de Educação Física escolar que no processo de inclusão, contribuirá com relacionamentos socializadores do aluno autista e os demais colegas.

2 REFERENCIALTEÓRICO

2.1 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR

O papel da inclusão escolar é acolher todas as pessoas no sistema regular de ensino, independente de condições físicas, classe social e cor apesar de o termo inclusão escolar ser associado mais as pessoas que possuem alguma deficiência física ou mental.

Maciel (2000), afirmou que em anos passados as pessoas com deficiência, eram discriminados na sociedade, e excluídas também no mercado de trabalho, desde a atingidade, inabilitou as pessoas com deficiência, privando-os de sua liberdade. Essas pessoas sempre foram alvo de preconceitos, sendo interpretadas como sem respeito, sem atendimentos e sem direito, mas nos últimos anos a sociedade vem promovendo ações implementadoras de inclusão nas escolas e na sociedade, de pessoas com alguma deficiência ou necessidade especial, resgatando o respeito e o direito dessas pessoas a ter acesso a todos os recursos da sociedade.

A educação especial, passa por todos os níveis e etapas, garantindo a participação de todos no ensino regular, onde visa o ensino e a escola. Pensar na inclusão é mais do que simplesmente inserir um aluno dentro da sala de aula regular, é preciso uma preparação para incluir esses alunos. A capacitação, formação continuada dos professores e aperfeiçoamento são os principais caminhos para que a inclusão seja realmente efetiva.

Mittler (2003, p. 25), assegurou que a inclusão na área da educação engloba vários processos de reforma e reestruturação das escolas como um todo, com objetivo de que os alunos possam ter acesso a todas as oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola, ou seja garantir a participação de todas as crianças, em todas as oportunidades oferecidas pela escola e impedindo o isolamento. Essa prática de inclusão foi planejada para beneficiar todos os alunos, incluindo os que possuem algumas dificuldades de aprendizagem, dificuldades na fala, e/ou aqueles com deficiência.

De acordo com Art 2 da Lei N.13.146, considera-se uma pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir

sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

A falta de conhecimento da sociedade sobre o que é a deficiência faz com que isso seja um problema enorme, considerando-os como doentes. Contudo, é preciso ter o conhecimento não só por parte de educadores, mas sim da sociedade em si, principalmente os pais responsáveis, nesta questão.

A escola comum só se torna inclusiva quando se dá o reconhecimento das diferenças, buscando adotar medidas necessárias no processo educativo, para que efetive a participação e progresso de todos nas novas práticas pedagógicas. Não é fácil adoção dessas novas práticas pedagógicas, pois depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula (ROPOLI *et al.*, 2010, p. 9)

Para adotar a nova prática pedagógica nas escolas é necessário à atualização e o desenvolvimento de novos conceitos da educação como a redefinição e aplicação de alternativas e práticas educacionais compatíveis com a inclusão. Como afirmou Mendes (2013):

Um ensino para todos os alunos há que se distinguir pela sua qualidade. O desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa a ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional. Um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem professores, gestores, especialistas, pais e alunos e outros profissionais que compõem uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo, é construída por cada uma delas, segundo as suas peculiaridades. O Projeto Político Pedagógico é o instrumento por excelência para melhor desenvolver o plano de trabalho eleito e definido por um coletivo escolar; ele reflete a singularidade do grupo que o produziu, suas escolhas e especificidades (p. 11).

O acesso a escola promove o desenvolvimento pessoal, e também é importante para as relações interpessoais, a inclusão aparece para mostrar que todas as pessoas são diferentes, algo que a escola não quer conceber. “O senso comum nos faz pensar muito mais na identidade do que na diferença, porque é muito mais fácil. Mas a diferença se apresenta, e você tem que lidar” (MANTOAN, 2003).

O mais importante para uma criança com deficiência não é aprender o mesmo conteúdo que as outras, mas sim ter a possibilidade de aprender a colaborar, ter autonomia, governar a si próprio, ter livre expressão de ideias e ver o esforço pelo que consegue criar ser recompensado e reconhecido. Desse modo:

Ao incluir as pessoas com deficiência, a escola se converte em ambiente mais propício à aprendizagem. Cada um é único e não existe uma fórmula geral que funcione para todos. O ritmo de aprendizagem é individual, seja da criança com deficiência, ou não. Quanto mais recursos a escola oferecer, menos limitações as crianças terão (PAPA *et al.*, 2015, p. 1).

Para que se efetive o direito de todos a escolarização é imprescindível mudanças na entendimento e nas práticas de gestão sala de aula e de formação de professores, pois a inclusão educacional é um direito de todos os alunos.

O ensino deve ser de qualidade, e esse desafio de fazer acontecer deve ser assumido por todos que compõe em um sistema educacional, que envolve professores, gestores, pais e alunos e outros profissionais que compõem uma rede educacional.

Conforme o Art. 4 da Lei N.13.146, a conversão sobre os direitos das pessoas com deficiência, declara: que toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação (BRASIL, 2015).

Portanto, toda criança tem direito fundamental a educação, oportunizando um nível adequado de aprendizagem, pois cada uma possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, e os sistemas educacionais deveriam levar em consideração a diversidade e necessidades de cada indivíduo.

2.2 AUTISMO

De acordo com Onzi e Gomes (2015), a definição de autismo é como um transtorno no desenvolvimento comportamental, que se manifesta em graus de gravidades diferentes. O termo autismo atualmente é chamado por Transtorno do Espectro Autista (TEA). E suas características são: dificuldades na comunicação, na interação social, comportamentos repetitivos. Comportamentos que estão presentes desde a infância, que prejudica seu funcionamento diário.

Segundo Barbosa (2014), Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi nomeado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1908, para identificar pessoas com esquizofrenia. Anos depois, em 1943 o psiquiatra Leo Kanner, denominou o termo autismo para identificar pessoas com atraso no desenvolvimento e dificuldades de se socializar com outras pessoas. O conceito de autismo foi sofrendo alterações ao longo dos anos, se baseando em novos estudos que foram surgindo acerca do autismo.

O comportamento de um autista tem como características a dificuldades de comunicação social, comportamentos repetitivos, e as principais manifestações ocorre nos primeiros três anos de vida.

Para Cavaleti *et al.* (2017), o comportamento da pessoa com autismo varia de acordo com o grau de autismo que o indivíduo possui. Os casos mais graves ocorrem devido à desinformação dos adultos, pais, profissionais da medicina e da educação. A criança se sente presa em mundo incompreensivo, crescendo muitas vezes sendo agressiva como forma de se libertar da frustração de viver sem ser compreendido.

Caminha *et al.* (2016), caracteriza o autismo como:

Transtorno do espectro autista é uma síndrome do neurodesenvolvimento, que caracteriza por comprometimento na comunicação social associado a um repertório restrito e repetitivo de comportamentos, interesses e atividades. Sua causa ainda é desconhecida e a evolução é muito variável. É de extrema importância estar atento aos sinais de alerta para a realização de um diagnóstico precoce e encaminhamento para reabilitação precoce e intensiva direcionada para o transtorno do comportamento e da comunicação (p. 24).

O autismo se trata de um problema biológico e não psicológico, pois ainda não existe uma explicação completa de como funciona a neurobiologia do autismo. As características do autismo pode começar a surgir desde os primeiros anos de vida. Como identificar quando criança pode ter autismo, é quando demora a começar a andar, a falar, parecem não ouvir quando é chamado, possui comportamentos diferentes de uma criança que não tem deficiência (GIKOVATE, 2009).

Portanto, é preciso ter um conhecimento sobre o autismo, uma compreensão mais ampla, e assim será possível elaborar estratégias específicas que visam melhorar seu desenvolvimento.

2.3 INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR

De acordo com Pletsch e Lima (2014), a luta educacional a favor dos alunos com autismo é constante, com isto foi criado a Lei 12.764/2012, que instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA, estabelecendo diversas diretrizes para sua consecução. A esta Lei foi dado o nome de “Berenice Piana”, em homenagem a uma mãe que luta pelos direitos de um filho autista. É a primeira lei que fala diretamente sobre os autistas e os considera deficientes, que para todos os efeitos legais tem direito de estudar em escolas regulares, tanto na educação básica quanto no ensino profissionalizante, e quando necessário com apoio de um mediador especializado.

Conforme afirmou Cavaleti *et al.* (2017), podemos dizer que a inclusão é para todos, tendo como foco principal o aluno autista, pois a oportunidade de interação é a

base para o seu desenvolvimento, como para o de qualquer outra criança. Acredita-se que a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas os de outras crianças, na medida em que estas convivam e aprendam com as diferenças.

Para Ferreira (2017), é de grande valor o convívio da criança autista por meio da inclusão com outras crianças do ensino regular no ambiente escolar, pois estimula o desenvolvimento das interações sociais devido a suas dificuldades de interação e comunicação e até mesmo a imaginação.

A inclusão ainda requer muitos desafios, como as formas pedagógicas atuais, qualificação dos professores para serem capazes de trabalhar com as diferenças dos alunos e as crianças autistas, que carecem de um atendimento especial, buscando integrar-se ativamente no processo de inclusão (FERREIRA, 2017).

Deste modo, para incluir um aluno autista é necessário trabalhar em equipe, entre a escola e a família, onde um se relaciona com o outro, buscando uma educação de qualidade. A relação entre aluno e professor é fundamental neste processo de preparação da escola e dos alunos com deficiência, destacando a importância da união família/escola no processo de ensino aprendizagem dos alunos com TEA.

2.4 INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Educação Física Escolar (EFE) é muito importante, pois além de visar o hábito de vida saudável através das práticas de atividades físicas, contribuem em aspectos relacionados à formação geral, como: desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo da criança. As atividades, por muitas vezes são realizadas em forma de jogos e brincadeiras, de forma lúdica, o que desperta o prazer da criança para sua prática (FERREIRA, 2017).

A EFE para crianças com autismo ainda enfrenta grandes barreiras para que possa ter um ensino de qualidade, mas o processo de formação do professor de Educação Física ainda pode ser um aspecto negativo para o sucesso da inclusão do aluno, devido à falta de conhecimento do tema, bem como a falta de informação de novas metodologias de ensino e novos conceitos para o ensino-aprendizagem desses alunos com deficiência.

A Educação Física como disciplina curricular não pode ficar indiferente ou neutra deste movimento de Educação Especial ou Educação Inclusiva que vivemos hoje, mas como parte integrante do currículo oferecido pelas escolas a disciplina de Educação Física pode constituir-se como um ponto fundamental, podendo ser considerada tanto como um obstáculo adicional ou ponto de relevância extremamente positivo, para que o ambiente de trabalho do profissional de Educação Física se torne cada vez mais inclusivo, (MENDES, 2013).

De acordo com Cavaleti *et al.* (2017), o professor de Educação Física é um mediador dentro da escola, pois precisa ser um agente criativo e transformador para lidar com alunos com deficiência, e exige mais atenção e dedicação como por exemplo: os alunos com autismo, que requerem uma atenção maior e uma prática pedagógica de diferentes pontos de vistas, dentro de aspectos culturais, sociais e biológicos. Todavia a Educação Física escolar para crianças com autismo ainda enfrenta grandes barreiras para que possa ter um ensino de qualidade.

Conforme garantiu Mantoan (2003):

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-los aos olhos de todos. Há também um movimento de pais de alunos sem deficiências, que não admitem a inclusão, por acharem que as escolas vão baixar e piorar ainda mais a qualidade de ensino se tiverem de receber esses novos alunos (p. 14).

2.5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS ADOTADAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao adquirir sua formação e ter um conhecimento amplo, o professor de educação física terá a capacidade de incluir a criança com autismo em suas aulas, fazendo com que o mesmo participe das atividades juntamente com as outras crianças, e desta forma trabalhará a inclusão, socialização e a integração do aluno autista no ambiente escolar, dando a ele a oportunidade de ter uma educação de qualidade igual ou semelhante ao das demais crianças. Para que a inclusão tenha o seu verdadeiro sentido, é preciso uma boa formação acadêmica e que estes profissionais tenham experiências vividas com os mesmos, e com o passar do tempo, os mesmos vão conhecendo as

capacidades de seus alunos para melhor adaptação nas aulas e no ambiente escolar. E as metodologias de ensino devem ser apropriadas a sua necessidade,

variando de acordo com suas necessidades e transtornos, onde o professor deve respeitar suas limitações (CAVALETI *et al.*, 2017).

De acordo Catelli *et al.* (2016), foi realizada uma pesquisa com professores de educação física, onde foi constatado que os profissionais oferecem apenas materiais do interesse do aluno, assim incentivando suas fixações e não oferecendo diferentes atividades que possam contribuir para o desenvolvimento social, cognitivo e motor.

Para que a aula seja de qualidade, o profissional necessita fazer um planejamento prévio e conhecer as potencialidades dos seus alunos, oferecer diversas atividades, motivar a participação destes alunos, dando oportunidade para que vivencie essas diversas atividades, interagindo com outros colegas (MOREIRA, 2014).

2.6 A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES LÚDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS AUTISTAS

Mendes (2015), afirmou que as atividades lúdicas são essenciais para criança, pois favorece seu desenvolvimento e suas múltiplas habilidades e funções no plano cognitivo, social, emocional e também motriz, sendo então uma ferramenta eficaz de aprendizagem e parte vital no desenvolvimento de todo indivíduo. Na maioria das crianças, inclusive com diferentes tipos de deficiência, o jogo tem um papel importante para adquirir diversas habilidades. Jogar é um ato cultural, que está vinculado ao desenvolvimento infantil, contudo:

O jogo supõe exploração, prazer aprendizagem. As crianças autistas manipulam reiteradamente os objetos, não os explora, não os usa de acordo com seu objetivo; o que não se pode afirmar é se há ou não prazer nessas manipulações. Elas tendem a ter interesses diferenciados. Seu jogo, geralmente, é repetitivo e solidário, podem usar os brinquedos de maneira própria do sujeito, alinhando os brinquedos, fazer girar as rodas dos carrinhos. Isto se deve, em muitas ocasiões, a restrições no jogo imaginativo. Pode-se dizer que, para criança com TEA, na atividade lúdica, não há realmente um jogo; o que se observa é a manipulação dos objetos ou parte destes (MENDES, 2015).

Ainda para Mendes (2015), a atividade lúdica é uma forma metodológica mais prezerosa, e menos rígida que o professor tem para estimular o desenvolvimento e interesse dos alunos, conhecendo suas potencialidades e realidades, e como a ludicidade está presente na Educação Física, ela desencadeia a atenção, raciocínio, agilidade e interesse do aluno autista.

Portanto cada aluno tem suas especificidades, e potencialidades a serem descobertos, e assim a aprendizagem deve ser configurada também de forma individual e em um ambiente estimulador de interação com outros colegas, tornando-os todos participativos. A ludicidade consegue favorecer essa interação, no qual o aluno é um ser que descobre e constrói seus conhecimentos. Para atender alunos autistas é necessário novos métodos, e um planejamento sistematizado em que as brincadeiras e jogos, sejam aplicados constantemente ajudando os alunos autistas a reconhecerem o mundo ao seu redor, e que favoreça a interação com os outros.

2.7 PRINCIPAIS DIFICULDADES E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS

Para Gadia; Tuchman e Newra (2004), são várias as dificuldades enfrentadas pelo professor de Educação Física no processo de inclusão de alunos autistas, entre elas: a falta de preparo e conhecimento de professores no trato pedagógico é um dos fatores mais prejudiciais nesse processo, pois o transtorno do espectro autista possui etiologias múltiplas e graus variados de severidade, e seus comportamentos definem como déficits qualitativos na interação social e na comunicação, e padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividade. No entanto, sem este conhecimento dificulta a comunicação e interação do professor e aluno.

Em pesquisa realizada com 16 professores de Educação Física da rede pública e particular, o que se percebe é que a criança com deficiência, na escola inclusiva hoje denuncia a falência do sistema escolar, e má gestão escolar. O estudo aponta que os professores não sabem o que fazer, o que denuncia uma formação continuada, inadequada ou inexistente do professor. Analisando-se o discurso desses informantes observou-se uma dificuldade dos mesmos que embora tenham muita experiência na área escolar, ainda não estão demonstrando compreensão do conceito que se trabalha hoje sobre o que são de fato alunos com deficiência. Desta forma acredita-se que alunos que apresentam TEA, necessitam de métodos diferenciados para adquirirem um grau maior de participação nas aulas de Educação Física (CAVALETI *et al.*, 2017, p.03).

A má gestão escolar denuncia a falência do sistema escolar em relação a inclusão. O estudo apontado, nos mostra a dificuldade do professor, e a falta de conhecimento e compreensão do conceito de que se trabalha hoje, sobre o que são de fato alunos com deficiência, e o papel da inclusão escolar.

Soares e Mendes (2010), realizou uma pesquisa por meio de questionário com 03 (três) professores de Educação Física do Ensino Fundamental, em 03 (três) escolas diferentes. Ficou evidente a falta de preparação destes professores ao incluir os alunos autistas em suas aulas. Os mesmos relataram que se não fosse a ajuda dos estagiários e monitores, não saberiam lidar com a inclusão dos alunos. Dois destes 03 (três) professores, lidam com 01 (um) aluno autista com grau mais severo, já o terceiro professor lida com 01 (um) aluno autista com grau mais leve. A maior dificuldade que eles relataram foi a comunicação e relação entre aluno e professor, a interação dos mesmos com os outros colegas, e a falta de novas metodologias por sua parte, que os incentivam e motivam a participarem de suas aulas.

Compreende-se que para que se haja uma verdadeira inclusão é necessário que o professor, a gestão escolar, e o governo promovam condições necessárias como: infraestrutura adequada da escola, cursos de formação continuada, materiais necessários, e o acompanhamento do profissional adequado.

A inclusão requer um planejamento, e é preciso saber realmente de fato realizar a inclusão e não a exclusão. É necessário compreender que cada um tem suas especificidades e limitações, e com isso cabe aos professores adaptar as atividades mesmo que a realidade das escolas ainda sejam desfavoráveis, a adotar metodologias adequadas e motivantes de acordo com a necessidade de cada um.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho segue a linha de pesquisa Educação Física, Práticas Pedagógicas e Sociais:

Na Linha de Pesquisa em Educação Física, Práticas Pedagógicas e Sociais (EFPPS), os objetos de estudos vinculam-se às relações constituídas entre a Educação Física e as metodologias de ensino aplicadas no âmbito escolar e não escolar, assim como a gestão destes espaços de intervenção. Estabelece o debate sobre o corpo, a cultura, o lazer, a história, entre outros temas que possibilitem a contextualização mais ampla desta área de conhecimento, analisando-a através das influências da sociedade sobre os diferentes temas da cultura corporal (NEPEF, 2014, p. 9).

Este trabalho segue esta linha de pesquisa, pois os objetos de estudos se vinculam as relações constituídas entre a Educação Física e as metodologias de ensino aplicadas no âmbito escolar.

O tipo de pesquisa se classifica como bibliográfica, que Gil (2002) caracteriza como:

Uma pesquisa bibliográfica que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (p. 44).

A pesquisa bibliográfica é de caráter explicativa, pois têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado (GIL, 2002, p. 42).

3.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Como recursos materiais foi utilizado livros, dissertações, teses e artigos científicos. Como fontes de consulta para os materiais impressos, será utilizado a

biblioteca física da Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC (Campus II).

Os recursos materiais digitais, foi buscados através do banco de dissertações e teses de universidades (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO, Universidade de São Paulo – USP), as bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e da *US National Library of Medicine National Institutes of Health* (PUBMED). Idiomas utilizados foram: Português e Inglês.

3.3 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO TEMÁTICA

Como critérios de seleção das produções científicas, foi feita uma análise crítica e reflexiva, por meio de leitura inicial do tema, título, resumo e da produção integral. Serão excluídos aquelas produções que não tratem do tema de inclusão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os critérios de inclusão e exclusão desta revisão bibliográfica, foram identificados 30 (trinta) artigos científicos, e 02 (dois) livros. Mas foram excluídos 11 (onze) artigos, e selecionados 19 (dezenove). No período de 2003 e 2019.

A má gestão escolar denuncia a falência do sistema escolar em relação a inclusão. Estudos realizados pelos autores citados, nos mostra a dificuldade do professor, e a falta de conhecimento e compreensão do conceito de que se trabalha hoje, sobre o que são de fato alunos com deficiência, e o papel da inclusão escolar.

A Educação Física escolar para crianças com autismo ainda enfrenta grandes barreiras para que possa ter um ensino de qualidade. E o processo de formação do professor de Educação Física ainda pode ser um aspecto negativo para o sucesso da inclusão do aluno, devido á falta de conhecimento do tema, bem como a falta de conhecimento de novas metodologias de ensino e novos conceitos para o ensino-aprendizagem desses alunos com deficiência.

Compreende-se que para que se haja uma verdadeira inclusão é necessário que o professor, a gestão escolar, e o governo promovam condições necessárias como: infraestrutura adequada, cursos de formação continuada e materiais necessários e o acompanhamento do profissional adequado.

A inclusão requer um planejamento e é preciso saber realmente incluir estes alunos, e não excluir. E necessário compreender que cada um tem suas especificidades e limitações, e com isso cabe aos professores adaptar as atividades mesmo que a realidade das escolas ainda sejam desfavoráveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma inclusão de qualidade, o desafio deve ser assumido por todos os que compõem um sistema educacional de ensino, como: professores, gestores, pais e alunos. Para a inclusão de alunos autistas é preciso trabalhar em equipe, entre a escola e a família, onde um se relaciona com o outro. E que se efetive o direito de todos a escolarização, é necessário mudanças na concepção e nas práticas de gestão da sala de aula e da formação dos professores.

Mas infelizmente o processo de inclusão de alunos com autismo nas aulas de Educação Física, pode passar por grandes dificuldades ainda, como: a falta de infraestrutura pode ser também um fator prejudicial neste processo, e uma das principais dificuldades encontrada foi a falta de capacitação e falta conhecimentos por parte dos professores, o que denuncia sua má formação.

Pois a inclusão requer um planejamento, para que não haja uma exclusão. O professor tem papel fundamental neste processo, é preciso ser um agente criativo e inovador, adotar metodologias adequadas de ensino, que sejam compatíveis com a inclusão, e adequadas com as necessidades de cada aluno. E uma das alternativas de metodologia encontrada neste trabalho no sucesso da inclusão, é a metodologia de atividades lúdicas, no que busca favorecer o desenvolvimento destes alunos por meio do lúdico, que por ser um método menos rígido, mais tranquilo e prazeroso, e que promove um grau maior de participação, e cabe ao professor ser criativo para estimular a interação, socialização e desenvolvimento através do lúdico, trabalhando assim inclusão, para que seja realmente efetiva e de qualidade.

Portanto, compreende-se que para que se haja uma verdadeira inclusão é necessário que o professor, a gestão escolar, e o governo promovam condições necessárias como: infraestrutura adequada, cursos de formação continuada, materiais necessários e o acompanhamento do profissional adequado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA. P. M, **Autismo**. ISSN: Revista Educação Pública, Dezembro, 2014. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/40/autismo>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretoria De Estatísticas Educacionais (DEED). **Resumo técnico censo da educação básica**. Brasília: INEP - Censo escolar, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6874720#:~:text=O%20Resumo%20T%C3%A9cnico%20do%20Censo,resultados%20das%20avalia%C3%A7%C3%B5es%2C%20dos%20estudos%2C>. Acesso em: 23 fev. 2020.

_____. **Lei N.13.146, de Julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 23 fev. 2020.

CAMINHA. V. L. P. S. et al. **Autismo: vivências e caminhos**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2016. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-list/autismo-292/list>>. Acesso em 23 fev. 2020.

CATELLI. C. Q.; ASSIS. S. B.; ANTINO. M. E, **O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: A prática do profissional da rede estadual de São Paulo**. Investigação Qualitativa em Educação. Atas CIAIQ 2016: São Paulo. v. 1, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592/581>>. Acesso em 23 fev. 2020.

CAVALETI. A. N. et al. **O cenário do processo de inclusão do aluno autista nas aulas de educação física: Revisão literatura**. 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro Universitário Ítalo Brasileiro. São Paulo. 2017. Disponível em:<<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-cenario-do-processo-de-inclusao-do-aluno-autista-nas-aulas-de-educacao-fisica-revisao-da-literatura#:~:text=O%20objetivo%20descrever%20qual%20o,nas%20aulas%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica.&text=O%20que%20a%20literatura%20aponta,de%20car%C3%A1ter%20evolutivo%20e%20inclusivo>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

FERREIRA. N. M. **A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular**. . 2017. 29f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília. 2017. Disponível em:<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13103>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GADIA. C. A.; TUCHMAN, R.; NEWRA, T. R. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Jornal de Pediatria. [online]. 2004, v. 80, n. 2, p. 83-94. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GIKOVATE, C. G. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

MACIEL, M. **Portadores de deficiência, a questão da inclusão social**. São Paulo Perspec. Vol 14 no 2. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8839200000200008&script=sci_abstract

MANTOAN, T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna. Coleção cotidiano escolar. 2003. 50 p.. Disponível em: <<http://www.epsinfo.com.br/INCLUSAO-ESCOLAR.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2020.

MENDES, A. P. S. **Análise subjetiva dos professores de educação física sobre a inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar**. 2013. 75 f. (Monografia) - Pontifca Universidade Catolica de Campinas, São Paulo. 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/storage/app/uploads/public/588/4ce/4b1/5884ce4b195a1403391031.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020

MENDES, M. A. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. Brasília 2015. 55f. (Monografia - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf> . Acesso em: 23 fev. 2020.

MITLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Tradução Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, A. E, **Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental 1**. 120f. (Monografia – Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2016/pedagogia_dissertacoes/dissertacao_ana_elisa_costa_moreira.pdf>. Acesso em 2 fev. 2020.

NEPEF, NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA. **Projeto do núcleo de estudos e pesquisa em educação física**. Curso de Educação Física. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Pontifca Universidade Católica de Goiás, 2014.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação**. Caderno pedagógico, v. 12, n. 3, p.188-199, Larejado, 2015. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>>. Acesso em 23 fev. 2020.

PAPA, F, et al. **Inclusão**: uma mudança no olhar da comunidade escolar para a construção de uma escola melhor inclusiva. CAPE – Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado. Boas Práticas na perspectiva da Educação Especial Inclusiva .v. 1, 2015. Disponível em: <http://cape.edunet.sp.gov.br/cape_arquivos/BoasPraticas/INCLMUDANCAOLHARCOMUNESCOLARCONSTRESCOLAMELHORINCLUSIVA.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

PLETSC, M. D.; LIMA, M. F. **A inclusão de alunos com autismo**: um olhar sobre a mediação pedagógica. 1ª Seminário Internacional de Inclusão Escolar: práticas em diálogos. Universidade do estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 2014, Disponível em <<http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/4-Pletsch e Lima.pdf>>. Acesso em : 26 fev. 2020.

ROPOLI, E. A. et al. **A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Univerisdade Federal do Ceará, v. 1 Fortaleza, 2010. Disponível em: <<https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusva-85.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SOARES, M. P.; MENDES, G. G. **As principais dificuldades dos professores de educação física na inclusão de alunos com autismo**: Uma análise da rede municipal de educação de Criciúma/SC. 2015. 9 f. (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) - a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC Criciúma-SC. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/4467/1/Maysa%20Pereira%20Soares.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1021 | Fax: (62) 3946.1397
www.pucgoias.edu.br | prograd@pucgoias.edu.br

ANEXO 1

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante **KAROLINE DA SILVA XAVIER** do Curso de Educação Física, matrícula 20131004902690, telefone: 621986414599 e-mail Karoline11@gmail.com qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A Inclusão de Alunos Autistas nas Aulas de Educação Física**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND)*, Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT)*, outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 11 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es):

Karoline da Silva Xavier

Nome completo do autor:

Karoline da Silva Xavier

Assinatura do professor-orientador:

Maria Zita Fereira

Nome completo do professor-orientador:

MARIA ZITA FERREIRA